

LD. PALLAS S.A. - Av. Vau de São João - RJ - RJ
1975

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226-0242 - CEP 20020-025

CAN. 301M 1975
até 12/7

inf. 300P → 18 anos

AS HIENAS

BEDÚLIO PEDROSO

PEÇA EM UM ATO

PERSONAGENS: BILHETEIRO
PEDRO
ANA
VITOR

O porteiro atende o público com excesso de amabilidade, deve ser mesmo interferente. Faz elogios à peça, promete bom divertimento, etc. O público entra no teatro e encontra pronta a luz de cena. Música de fundo evoca ruídos, é uma sala de pequenas dimensões onde se acham os seguintes objetos: dois catres, um jogo de setas, um armário, uma latrina e uma janela que se abre para a cidade.

Após a entrada do público, o porteiro fecha a porta, ajeita as pessoas em seus lugares e com insistência oferece cafezinhos em copos de papel, servidos numa bandeja de prata. O porteiro deve insistir, fazer com que as pessoas tomem os cafés.

Após servir os cafés, o porteiro, levando a bandeja de prata, entra no armário. No interior do armário existem apenas dois cabides. O porteiro se tranca no armário.

Neste exato momento, ouvem-se sirenes, gritos e rosnar de feras. Pela porta, que o público entrou, surge Pedro com ar de pavor. Encosta-se à porta e quando se acalma começa a observar o local. Mexe nos catres, no jogo de setas e se detém intrigado diante de uma inscrição na parede. As paredes são todas repletas de inscrições. Pedro vai até o armário. Abre suas portas, não há ninguém dentro. Quando começa a fechar as portas do armário, novamente ruídos de sirenes, de feras. Pela porta do público, a mesma por onde entrou Pedro, apavorada surge Ana. Ana está exausta. Encosta-se contra porta e vê Pedro.

ANA
Você viu?

PEDRO
Vi... Ouça... Não fazem mais barulho... Parece que já desistiram.

ANA
Desistiram?

PEDRO
É. Voltaram... voltaram para a rua.

ANA
Quer dizer quê? Com você? Com você também aconteceu?

PEDRO
Também. Tive muita sorte...

ANA
Mas você mora aqui, não é?

PEDRO
Não.

ANA
Então você... você chegou assim como eu cheguei?

PEDRO
Cheguei.

ANA
Foi também a única porta que você encontrou aberta?

PEDRO
Foi.

ANA
Mais uma escada eu não agüentaria... já estava completamente sem forças... foi muita sorte encontrar esta porta... muita... um verdadeiro milagre.

PEDRO
Um milagre.

ANA
Será que não há mais perigo?

PEDRO
Por enquanto... vem até esta porta e depois se afastam... comigo foi igual.

ANA
(*olhando a sala pela primeira vez*) E aqui? O que é?

PEDRO
(*num gesto vago.*) Isso.

ANA
(*assenhoreando-se da sala e com certa calma*) Eu sempre tive a sensação de que isso um dia podia me acontecer...

PEDRO
Você achava isso possível?

ANA
Achava... assim como a morte... possível mas distante... mas o medo que eu senti na hora... um medo tão grande... eu ainda penso que não aconteceu nada. Uma sensação de pesadelo, de sonho acordado.

PEDRO
Mas a cidade continua.

ANA
Ahn? Como?

PEDRO
(*indicando a janela*) A cidade continua ali. Calma. Como se nada houvesse.

ANA
(*indo à janela*) É... é incrível... não há sinal de pânico... As pessoas continuam a caminhar pela rua... (*num suspiro*) E o que nos aconteceu então?

PEDRO
(*hesitante*) Você... diga, você viu de perto?

ANA
Vi. E muito junto de mim.

PEDRO
E você sentiu? Sentiu o cheiro de carne podre?

ANA
Sentí. Eram muitos me fuçando, fedendo, hidrófobos!

PEDRO
Foram cães?

ANA
Não, sim... Não, não devo dizer.

PEDRO
Diga. É melhor você dizer.

ANA
É tão absurdo!

PEDRO
Mas você já não esperava?

ANA
Esperava... (*em desespero*) Mas eu já te disse, já te disse!
Ninguém sabe o que é morrer!

PEDRO
Você quer dizer que nós estamos mortos? Hein? Mortos?

ANA
Não! Mortos não...

PEDRO
Se não estamos mortos?

ANA
(*num grito*) Hienas!

PEDRO
(*num desabafo*) Hienas sim. Eu vi, vi as cabeças chatas, os dentes fétidos, o olhar doentio, desvairado... eram de hienas!
(*muda o tom*) Se você não confirmasse, duvidaria do que vi.

ANA
Será que nós não estamos enganados?

PEDRO
Não. (*pausa*) Talvez...

ANA
Fomos perseguidos então por quem?

PEDRO
Os outros vão confirmar. Eles devem aparecer, têm que aparecer. Esta é a única porta aberta. Você chegou um minuto depois de eu ter chegado.

ANA
Mas a rua está calma!

PEDRO
Quando eu cheguei, fui à janela e a rua estava calma. Mas em seguida, elas te atacaram. Há gente pelas calçadas, você viu. As hienas estão soltas, elas têm que atacar de novo.

ANA
(*procurando convencer-se*) Elas têm de atacar de novo...
(*pausa*) Muitas noites, quando eu voltava para casa, por várias vezes, eu estranhava os cachorros fuçando as latas de lixo... achava que eles eram ávidos, aflitos... asquerosos... Já seriam hienas?

PEDRO
Espera. Observe este lugar... não é um apartamento, não parece casa de ninguém...

ANA

É... parece um lugar abandonado... Ou?

PEDRO

Ou?

ANA

Se não fosse a janela aberta, podia ser uma cela penitenciária.

PEDRO

E isso! Vimos parar numa cadical! Olhe as inscrições nas paredes!

ANA

(*examinando as paredes*) Será que este prédio? Não... não pode ser... A porta estava aberta, os corredores vazios... nem um sinal de guardas ou de presos... Me parece um prédio como tantos outros... o mesmo tipo de escada, de pintura...

PEDRO

Talvez não seja um presídio comum. Eu desconfio...

ANA

De quê?

PEDRO

Olhe essa data: 1809.

ANA

Talvez seja uma brincadeira. Alguém que passou por aqui...

PEDRO

Com que intenção?

ANA

Não sei... talvez um modo macabro de decorar uma sala... inventar presos, datas, mortos... (*numa alegre descoberta*) Olhe essa, olhe! 1612! É uma brincadeira, é claro que é uma brincadeira!

PEDRO

(*com medo de dizer*) Ou foram escritas por pessoas que não sabiam que estavam escrevendo?

ANA

Loucos?

PEDRO

Loucos.

ANA

Quer dizer que nós?

PEDRO

Dois catres, dois cabides. Isso estava à nossa espera. Não vai aparecer mais ninguém.

ANA

Mas foram as hienas que nos trouxeram. Fomos acenados por elas. E elas não podiam agir a mando de ninguém. São bichos, são irracionais!

PEDRO

Mas teriam sido mesmo as hienas?

ANA

Você viu! Você mesmo disse que viu! Não foi uma loucura minha!

PEDRO

Foi uma loucura nossa! Uma alucinação que deu em mim, em você.

ANA

A mesma alucinação? (*afirmativa*) Isso não pode ter sido inventado.

PEDRO

Por que não? Os alcoólatras não enxergam morcegos? Nós, nós enxergamos hienas.

ANA

E o cheiro? E os dentes? E o pêlo eriçado? Não, não pode ser. Foi real, muito real.

PEDRO

Você acha que ser atacada no meio da rua por um bando de hienas é uma coisa real?

ANA

Mas não foi o que te aconteceu? Ou agora já não te aconteceu mais?

PEDRO

Foi, mas não foi.

ANA

Você é viciado em drogas?

PEDRO

Não. E nunca chego a me embriagar. Hoje...

ANA

Hoje?

PEDRO

Eu não tinha bebido uma gota de álcool. Nem mesmo pretendia beber. Não passei no bar, não vi os amigos. Eu queria ficar quieto, chegar cedo em casa.

ANA

Eu também queria ficar só. Saía de um cinema, sem vontade de ver nenhuma pessoa.

PEDRO

Mas essa sua vontade de ficar sozinha já não podia ser um sinal?

ANA

Não. Eu estava muito tranqüila, com aquela certeza, sabe, de que não se está perdendo nada.

PEDRO

Ora, isso é apatia!

ANA

(ofendida) Quem é você para me dizer isso?

PEDRO

Não sei. (e direto) E sua memória? Você se lembra do que te aconteceu ontem às duas horas da tarde?

ANA

Você por acaso é juiz? Sou prisioneira?

PEDRO

Eu estou apenas querendo saber o que fazemos aqui. Procuro uma lógica. Uma explicação.

ANA

E procura em mim?

PEDRO

Nós precisamos ter a certeza que não estamos loucos. Você sabe o que houve antes das hienas?

ANA

Já disse. Saía do cinema.

PEDRO

Não será essa apenas a sua última lembrança? Você tem certeza que o ontem é o ontem de ontem mesmo? Ou já faz um mês que você perdeu a lucidez?

ANA

(exasperando-se) O que você quer? Me confundir?

PEDRO

Não. Não quero. Só quero saber se nós dois estamos doidos.

ANA

Não será você o louco?

PEDRO

É provável que eu tenha inventado as hienas, como é provável que eu tenha inventado você... *(rindo e sacudindo Ana)* Você não existe, não existel Isso não é engraçado? Muito engraçado?

ANA

(aflixa à procura da memória) Ontem, às duas horas da tarde, eu estava em minha casa. Eu mesmo faço a minha comida. Havia acabado de almoçar. Gurdei os pratos. Sentei numa poltrona. Fazia sol, uma tarde quente. O calor entrava pela janela, entrava no quarto... O céu entrava no quarto, as nuvens entravam no quarto... nuvens espessas, macias... e havia um vento, um vento em minha espinha como num canavial... havia um cheiro de terra... de terra úmida... do terra... terra...

PEDRO

Quanto tempo você ficou assim?

ANA

Dez minutos, uma hora... não sei.

PEDRO

Isso sempre te acontece?

ANA

Quando estou cansada ou quando tudo me parece inútil... Mas isso é raro de acontecer, muito raro... eu sempre costumo reagir... ontem, quando eu me levantei da poltrona, eu não me sentia derrotada... eu estava convencida de que o amor era possível... O amor é possível? *(aumentando o desespero)* Possível? Possível? Possível? *(numa súplica)* É possível?

PEDRO

Não sei.

ANA

É que você nunca tentou.

PEDRO

(irritado) O que isso tem a ver com nossa situação?

ANA

Pode ser a nossa loucura. Nunca ter amado.

PEDRO

Você acredita então em loucura?

ANA

Acredito. Nós nunca sabemos.

PEDRO

Repita: ontem às duas horas da tarde...

ANA

Eu olhava o céu... as nuvens... espessas... macias...

PEDRO

Isso eu sei. E depois?

ANA

Foi um dia igual aos outros... Ah, não. Eu deixei de ir a um encontro marcado.

PEDRO

Por quê?

ANA

Eu senti que seria um encontro igual aos outros.

PEDRO

E isso te deixou tranqüila?

ANA

Não. Porque mais tarde, eu me arrependi de não ter ido ao encontro.

PEDRO

(vencedor e racionalista) Então você não sabe o que quer?

ANA

E você sabe?

PEDRO

Procuro saber.

ANA

Então responda. O que você fazia ontem?

PEDRO

As duas horas da tarde, eu descia no elevador, mas ao chegar no térreo, apertei o botão de volta... Tinha resolvido não ir trabalhar... não que eu estivesse cansado ou porque tivesse alguma coisa mais divertida para fazer. Assim por nada, à toa. Ou porque a porta do elevador tenha demorado para se abrir ou porque não houvesse ninguém na cabine... Não. Não. Agora eu percebo. Naquele momento, eu tive a sensação da inutilidade de meu trabalho. Um simples ganhar dinheiro.

ANA

Você também se decidiu sem saber.

PEDRO

Também. E isso me assusta. Você já pensou que é preciso que passe um dia, um mês, um ano, para que a gente saiba que tomou uma decisão? Você já pensou que neste momento nós estamos decidindo e não sabemos que estamos decidindo?

ANA

Já não sei mais nada.

PEDRO

Por isso que nos meteram aqui.

ANA

Ninguém nos meteu aqui. Fomos atacados e fugimos. Era a única porta aberta.

PEDRO

Com esses dois catres à nossa espera? Uma invenção mais louca do que nós. Hienas! Que bela desculpa para a gente

esquecer que foi trazida aqui amarrada numa camisa-de-força. Para a gente esquecer que na porta do prédio estava escrito: Hospício!

ANA

Acha que estamos doentes?

PEDRO

Quanto mais certeza tivermos disso, menos tempo ficaremos aqui.

ANA

As hienas não existem? Nunca existiram?

PEDRO

A primeira enfermeira da noite vai nos responder. *(Aponta para a porta. Ruídos de feras, de sirene, de torcida de futebol. A porta se abre e surge Vitor, com as mãos no estômago. Passa pelos dois sem falar e vai até a latrina. Vomita. Livra-se com asco do paletó.)*

ANA

(temerosa e falando baixo) Um hospício... um hospício...

VITOR

(caído ofegante no catre) Eu fui atacado... em plena rua... não sei por quantos... um bando... uns bichos nojentos, fêlidos... fuçaram meu paletó, roçaram minha mão... babaram... tive medo, nojo... corri, corri sem saber por onde... não sei quanto tempo... não acabava nunca... eles sempre atrás de mim... uivando, gemendo... todas as portas estavam fechadas... todas... somente esta estava aberta... a porta da casa de vocês... fui obrigado a invadir sua casa... eu podia ser morto... *(levanta-se e corre até a porta)*

VITOR

Esta porta tem que ficar fechada... Fechada! São muitos. Podem nos atacar!

PEDRO

Fique calmo. Nós também fomos atacados.

VITOR
Ah, vocês viram! Viram aqueles cães leprosos?

ANA
Vimos

VITOR
Não há perigo deles entrarem?

PEDRO
Não.

VITOR
Você tem certeza?

PEDRO
Há algum tempo que estamos aqui.

VITOR
Nem posso acreditar... Mas vocês viram? Não viram?

PEDRO
O que você viu?

VITOR
Uns animais medonhos. Gemem como gente.

ANA
Você disse cães leprosos?

VITOR
Foi o que mais me pareceram.

PEDRO
Mas eram cães?

VITOR
Uma espécie... as garras mais desenvolvidas, a cabeça menor... uns bichos pavorosos.

PEDRO
Que bichos?

VITOR
Não sei, nunca vi. Pareciam ter saído do inferno. Fediam a morte.

PEDRO
Cheiravam como cadáveres?

VITOR
Tenho nojo só de pensar.

ANA
Fediam? Fediam como hienas?

VITOR
Como hienas. Exatamente como hienas.

ANA
E não eram hienas?

VITOR
Não existem hienas em nosso país e não existem hienas soltas pelas ruas de país nenhum do mundo!

ANA
Eu sei que não é possível. Eu sei. Mas foram hienas? Não foram?

VITOR
Uns monstregos.

ANA
Hienas?

VITOR
Degenerados.

ANA
Hienas?

VITOR
Horripilantes.

ANA
Hienas?

VITOR
(numa explosão) Hienas! Hienas sim! Como afirmar ao contrário. Se eram. Eu vi, eu vi! Mas não pode ser. É impossível, impossível! Mas vocês viram, não viram?

ANA
Vimos como você. Na mesma situação.

VITOR
É o que vocês acham?

PEDRO
Achamos que fosse loucura.

ANA
Mas não estamos num hospício, nem deliramos. Nós fomos atacados na rua e também tivemos a sorte de encontrar esta porta aberta.

VITOR
Há quanto tempo aconteceu?

PEDRO
Há quinze minutos.

VITOR
(aliviado) Então é isso. Nós fomos os primeiros... sim, os primeiros... esses animais devem ter escapado de um zoológico ou de um laboratório até... Já deve ter havido um alarme, as rádios estão anunciando, as televisões... é caso para pânico... *(indo à janela)* As radiopatrulhas devem estar chegando... *(olhando a rua e surpreso)* Mas as pessoas continuam andando como se nada houvesse...

ANA
Depois de cada ataque, elas se escondem.

VITOR
Se escondem? Uma feras famintas?

PEDRO
Mas para a rua não voltaram como você pode ver.

VITOR
(com medo da conclusão) Isto... quer dizer que... elas se escondem aqui? Neste prédio?

PEDRO
É o mais provável... como é provável que por enquanto só existam três vítimas: nós.

VITOR
Nesse caso, nós estamos isolados? Presos?

PEDRO
Encurralados.

Vitor indo à janela e gritando.

VITOR
Socorro!

Ana também vai à janela.

ANA
Socorro! Socorro! *(os dois gritam juntos, pausa)*

VITOR
(desanimado) Nenhuma resposta.

ANA
Seremos os únicos?

VITOR
(esperançoso) Talvez não tenham nos ouvido por causa do barulho do tráfego... Mas a polícia já deve ter sido avi-

sada... É impossível que ninguém na rua ou aqui no prédio não tenha visto as hienas... Esta situação não pode se prolongar por muito tempo.

PEDRO
Mas já demora um tempo que não podia ter demorado

VITOR
E como vocês disseram, elas se escondem... isso deve complicar.

PEDRO
E se nós provocássemos as hienas?

VITOR
 indo ao corredor e fugindo para cá de novo? O melhor é esperar. Aqui, ao menos, é seguro.

PEDRO
Mas alguma coisa se precisa fazer.

VITOR
Não somos nós que temos que fazer. São as outras pessoas. Nós estamos isolados e as hienas continuam soltas, atacando livremente.

PEDRO
E até quando as hienas ficarão soltas?

VITOR
Não pode ser para sempre.

PEDRO
(da janela) A rua continua tranqüila... como se nada houvesse.

VITOR
De qualquer jeito, não podemos fazer nada. Nem mesmo nos preocupar. Temos que esperar.

PEDRO
(irônico) Ou rezar pela alma caridosa da polícia.

VITOR
É o que nos resta.

PEDRO
Rezar. Isso mesmo. Rezar e esquecer que estamos cercados por hienas. Acho que temos que começar já. *(rezando)* Em nome do senhor delegado, do filho da polícia...

VITOR
(cortando e irritado) Mas fazer o que, meu Deus?

PEDRO
Não sei. O que não podemos é esperar que esta história absurda de hienas seja resolvida por guardas de laço e carrocinhas de cachorro.

VITOR
E por que não? Há uma outra solução?

ANA
(em quase desespero) Há uma outra solução?

PEDRO
Bater a cabeça na parede até sangrar.

ANA
Talvez seja essa a solução.

Ana investe para bater a cabeça na parede. Vitor a detém pelos cabelos.

VITOR
Pare, pare!

ANA
(ainda em histerismo) Por que parar? O que de mais lógico você me dá? O que, hein? O quê?

Vitor responde com um beijo. Um beijo violento e sensual. Ana se debate no princípio mas depois cede ao beijo. E passa a beijar Vitor. Depois se afasta e o olha com gratidão.

ANA

Você tem razão... venha... me beije de novo.

PEDRO

O beijo é a solução mais fácil. Até aos mortos se beija.

ANA

(irônica e agressiva) Mas este beijo me fez sentir muito viva, sabe, muito viva!

PEDRO

Pois então continue, continue que você vai se sentir mais viva. Mas continue depressa, tire logo essa roupa, e comece a trepar, a trepar já, antes que elas entrem e nos destrochem a todos!

ANA

(beijando Vitor) Ele não sabe... ele tem que falar... o idiota tem que falar.

PEDRO

E vou falar sim, e se preciso vou gritar. (gritando) Eu estou aqui, aqui, aqui! Mas não posso aceitar as hienas!

VITOR

Esses ataques histéricos não servem para nada. Nós temos que ser razoáveis.

PEDRO

Razoáveis? Você vomitou!

VITOR

Como qualquer pessoa quando tem medo ou nojo. Mas agora passou. Eu posso pensar com calma. A verdade é que não podemos sair nem avisar ninguém. Só nos resta esperar... A impaciência é inútil, só serve para nos gastar ou para nos levar

a atos desesperados como abrir essa porta e avançar contra elas. A situação será resolvida, terá que ser ainda que leve toda a noite... Olhem, há um jogo de setas aqui... Por que não jogar? Não é mais razoável do que ficar gritando, arrebatando a cabeça nas paredes?

ANA

Eu quero jogar.

VITOR

(oferecendo as setas) E você não quer?

PEDRO

Eu vou vigiar a janela. Não gosto da loucura quando ela é mansa. (Pedro vai até a janela. Os dois começam a jogar)

VITOR

Você é bem "equilibrada". Para uma primeira jogada não foi nada mal.

ANA

(prossequindo na provocação a Pedro) Você também. Como vê, nós somos bem "equilibrados".

VITOR

Este jogo não é fácil... só mesmo para quem tem um perfeito controle de seus nervos... (referindo-se às hienas) Você foi muito controlada.

ANA

Nem sei como eu consegui fugir... (sobre o jogo) Olhe, já estou acertando no alvo, estou começando a melhorar...

VITOR

E vai melhorar cada vez mais. O importante é insistir e insistir com calma.

ANA

(sobre as hienas) Eu não sei onde arranjei forças, as escadas não acabavam nunca... só agora que eu começo a ter a sensação de que parei de fugir...

VITOR

(respondendo em relação ao jogo) Você tem toda razão de estar confiante. Aí, onde acertou essa! Está cada vez melhor...

ANA

(rindo) Isso de acertar no alvo nos dá mesmo uma certa segurança.

VITOR

Pois eu estou perdido. Não acerto uma.

ANA

E o que você vai fazer?

VITOR

(indicando Pedro) Eu vou apelar para a loucura!

Ambos riem.

ANA

Este jogo é mesmo muito divertido.

VITOR

É terapêutico.

ANA

Você é médico?

VITOR

Não. Eu sou paciente.

ANA

Sofre do quê?

VITOR

Medo dos filmes de Drácula.

ANA

Morre de medo?

VITOR

Tampo o rosto. Vomito.

Caem na gargalhada.

ANA

Do que você tem medo?

VITOR

De tomar banho depois do almoço.

ANA

É só não tomar.

VITOR

É o que eu faço.

ANA

(rindo) Ah, esse medo não vale. Conte outro.

VITOR

Mas são tantos medos.

ANA

Escolhe um, um bem forte.

VITOR

Eu tenho medo, muito medo, de...

PEDRO

(cortando) As hienas não comem os vivos.

ANA

Ele insiste.

VITOR

Eu te aconselho a jogar um pouco. Esse jogo é relaxante.

PEDRO

Esse jogo foi colocado aí de propósito.

VITOR

Você ouviu o que ele disse? Que as hienas colocaram esse jogo aqui.

ANA

É sinal que elas têm espírito esportivo. *(os dois riem)*

PEDRO

(seco) Nós estamos aqui para apodrecer.

VITOR

Como se elas fossem premeditadas.

PEDRO

E por que não fomos dilacerados?

VITOR

Ora, tivemos sorte.

PEDRO

Não é muito simples dizer sorte? *(apontando à janela)*
E essa rua calma? O que é? Sorte ou azar?

VITOR

O que você pretende dizer com isso?

PEDRO

Que você podia ter sido alcançado por elas na escadaria do prédio, por exemplo.

VITOR

(caindo em si) É... Eu podia ter sido alcançado.

PEDRO

(com sarcasmo) Vocês não querem continuar a jogar? *(jogando)* É divertido, repousante, treina os nossos nervos.

VITOR

(embançado) Espera... se é como você diz... que eu fui poupado... que nós fomos poupados...

ANA

(cortando) Ele já usou essa tática comigo! Como se as hienas pensassem! Que se alucine sozinho! Venha, vamos jogar.

PEDRO

Mas antes para refrescar a memória, olhem essas datas. *(apontando as paredes)* A ponta destas setas servem também para riscar essas paredes.

VITOR

Sim... é verdade... se existem essas datas... esses nomes... é porque outros... porque outros também...

ANA

Ele está te enganando. Olhe essa data: 1809. E olhe essa: 1612. Não há nenhuma lógica, nenhum sentido.

PEDRO

Mas elas estão aí. Pelô chão, pelos cantos, pelo teto. Alguém escreveu. E por que escreveu? Por simples passatempo?

VITOR

Pode ser... *(com esperança)* É isso mesmo, pode ser. Eu, eu mesmo estive num restaurante onde as pessoas escreviam seus nomes nas paredes... E aqui escreveram porque... *(num riso nervoso)* Mas é claro! Como não tínhamos pensado nisso antes? Nós estamos, sabe, é num mictório público! Olhem essa latrina? Por isso que encontramos a porta aberta.

PEDRO

E os catres? Há uma explicação para eles?

VITOR

É que este lugar deve também funcionar como um depósito de coisas velhas. Olhem, o jogo de setas é velho... E as paredes

são apenas isso: um mictório que não foge à regra. Só que os frequentadores devem ter sido gente educada, que se limitou aos nomes próprios... É um registro geral de dores de barriga!

ANA

(rindo) Alguém inventou a brincadeira e os outros foram atrás. Olhem essa: (lendo) "Na décima lua depois da Descoberta", (indicando) Que descoberta? Da pólvora? Da América?

VITOR

Da latrinal

Ambos riem.

ANA

Em que belo lugar viemos parar.

VITOR

Fomos salvos por ele. Agradeça.

PEDRO

Ótimo. Estamos numa privada. Isto explica tudo. Numa bela de uma privadal

ANA

Explica. Ou você quer inventar mais ainda?

PEDRO

Quero.

ANA

Até quando?

PEDRO

Até esgotar todas as possibilidades.

VITOR

Não há nada a procurar. O que você propõe é inútil. Uma besteira.

PEDRO

E se eu disser que tudo não passou de uma farsa?

VITOR

Você não pode. Você passou por tudo aquilo que nós passamos. Você não pode saber mais.

PEDRO

Você está seguro?

VITOR

Estou.

PEDRO

(depois de uma pausa) Eu não vi as hincas.

ANA

Que sujeira você está preparando?

PEDRO

Elas existem?

ANA

Todos nós vimos.

PEDRO

(a Vitor) Você viu?

VITOR

Acho que vi.

PEDRO

Não tem mais certeza?

ANA

Você vomitou! Você teve medo! É claro que você viu!

VITOR

Podiam ser cães vadios, cães de rua, sujos, doentes, leprosos como eu disse... pela surpresa do ataque, pelo susto, sei lá,

talvez eu me confundisse... na hora do pânico a nossa impressão é sempre errada...

ANA

Lá está seu paletó. Por que você tirou o paletó? Por que fedia a cães ou fedia a hienas?

VITOR

(*agarrando o paletó*) Ele ainda fede. Tem o cheiro daquelas bocas pestilentas. (*atira o paletó*) Eu vi sim, eu vi as hienas!

PEDRO

Muito bem. Agora podemos recomeçar o jogo. (*atirando setas*) Só que agora será muito mais divertido. Vá, joguem, com força, com muita força, com raiva, com muita raiva! Porque nós vamos morrer!

ANA

(*num grito*) Você quer nos matar?

PEDRO

Eu só quero que vocês não desistam.

VITOR

Você é um maníaco. E as hienas servem muito bem à sua loucura. Mas para mim elas acabaram quando eu entrei nesta sala. Eu vomitei todo o meu medo na latrina. Me salvei, sabe, escapei, me livrei do pesadelo. É você que tem de acordar. Ou então abra a porta, se encontre com elas, se acalme com elas!

PEDRO

É o que eu vou fazer. Vou apanhá-las pelo pescoço. Vou liquidá-las de uma vez!

VITOR

Você vai sair?

PEDRO

Não. Elas não estão lá fora. Elas estão nesta sala. Em vocês!

ANA

Você delirou!

PEDRO

Gira sim. Tudo gira. Gira igual. Sem princípio, sem fim, a mesma estória se repetindo, se repetindo... os tambores no ouvido... estourando no ouvido... bum-bum-bum... os tambores na jancela... bum-bum-bum... os tambores num ponto fixo... em muitos pontos fixos... bum-bum-bum... a voz de um amigo... bum-bum-bum... a voz de um desconhecido... bum-bum-bum... a voz de ninguém... de ninguém... bum-bum-bum... (*rindo*) Entenderam? Bum-bum-bum... vocês não existem! (*calando-se subitamente*) Bem, agora sumam, eu disse: sumam! Está bem, vocês querem assim, não é? Está bem... vocês querem... (*a Vitor*) Me mostre o pescoço.

VITOR

Você está perturbado.

PEDRO

Eu disse; me mostre o pescoço.

VITOR

Eu sou teu companheiro, entende? Chegamos juntos, eu, ela.

PEDRO

Basta de pesadelo! (*agorra o pescoço de Vitor falando com Ana que assiste apavorada*) Ria, minha querida, ria, ria que eu o estou matando! Matando! Matando!

ANA

(*esmurrando as costas de Pedro*) Pare, pare com isso! Você está louco. Você vai matá-lo. Pare, pare, pare! (*Pedro larga Vitor que cai desfalecido no solo.*)

PEDRO

(*em profunda depressão*) Me desculpem... eu quase fui um assassino... agi como um alucinado... Pensei que o mal esti-

vesse em mim... A suposição da loucura é como a própria loucura... Eu precisava tentar... Espero que vocês me compreendam... talvez viesse acontecer o mesmo a vocês... me vigiem, me ajudem... somos obrigados a ficar juntos... temos que ficar juntos... senão estaremos perdidos... perdão companheiros. (*pausa*) Me chamo Pedro.

ANA
Me chamo Ana.

VITOR
Me chamo Vitor.

Pausa longa. Ana vai à janela.

ANA
A rua continua calma. Elas não voltaram a atacar.

PEDRO
Já passou mais de meia hora.

VITOR
Elas estão famintas, vão ter que se mostrar logo. Serão caçadas.

ANA
E se elas ficarem quietas a noite inteira?

VITOR
O nosso desaparecimento será notado. A polícia vai ter que nos procurar.

ANA
É. Temos mesmo que esperar.

PEDRO
Eu vou ficar vigiando a janela, é provável que existam outros como nós, pedindo socorro sem que ninguém os escute...

Pedro vai à janela. Ana se aproxima de Vitor.

ANA
Pedro me assusta. Se comporta como um possesso. Me faz pensar que sou louca.

VITOR
A loucura é contagiante. A gente precisa se cuidar.

ANA
Você acha que ele pode complicar ainda mais a situação?

VITOR
Pedro acha que estamos perdidos e um homem assim é capaz de tudo.

ANA
Temos que acalmá-lo.

VITOR
Não adianta. Ele desconfia de mim, de você, de tudo que acontece nesta sala.

ANA
Mas isso é insuportável. Temos que conseguir a confiança dele.

VITOR
Não vai ser preciso. Nós seremos salvos antes.

ANA
E se não vier ninguém?

VITOR
Elas não vão ficar sempre soltas. Você precisa ter confiança. Ter paciência, apenas isso.

ANA
É que o tempo continua a passar sem que nada se modifique.

VITOR
Tenha paciência, se controle, não há outro jeito. Nós temos que nos controlar. Confie em mim.

ANA

Eu confio, você é calmo... sabe falar comigo... sabe como agir... (*sensual*) Gosto do jeito como você me segura...

VITOR

Não se envolva. Fique comigo. Só nós existimos... só nós...

ANA

(*como se apenas os dois existissem*) Uma noite fazia calor, muito calor... (*coloca Vitor sentado em sua frente*) Nossos corpos estavam suados... um suor que nem mais era meu nem dele... um suor que confundia nossos corpos... eu já não sentia mais o dele, nem ele o meu... saímos da cama... fomos no terraço... lá havia duas cadeiras... e sentamos um na frente do outro... no princípio ainda ouvíamos o barulho da rua... depois... começamos a olhar... a olhar fixamente um para o sexo do outro... E eu lhe dizia: não olhe para mais nada... não olhe... só para o meu sexo... só para ele... só...

Ana e Vitor se olham, Vitor obedecendo o comando de Ana.

ANA

Ficamos nos olhando... quietos... imóveis... a distância... aos poucos minha respiração foi tomando o ritmo das pulsações do seu sexo... havia uma harmonia e uma provocação nas pulsações, na respiração... e num determinado momento sentimos que se as nossas mãos se tocassem, apenas se tocassem... (*Ana estende as mãos para Vitor, mas Vitor não estende as suas.*)

PEDRO

Uma janela se acendeu aqui em frente. É um casal. Venham, venham ver.

Ana recolhe suas mãos e se levanta do catre com o sentimento de ter sido desprezada numa proposição confessional e amorosa.

VITOR

Sente-se.

Ana permanece de pé.

PEDRO

Ele é jovem. Ela usa um casaco de peles.

VITOR

Sente-se.

PEDRO

Ele tirou o paletó, a gravata. Ela serve bebida. Batem as taças, bebem.

ANA

Podíamos acenar talvez.

VITOR

Não se meta com Pedro.

PEDRO

Ele desabotoa a camisa. Ela... estranho, continua com o casaco de peles.

ANA

(*já se inquietando*) É uma oportunidade... se eu fizesse um sinal... vamos até a janela.

PEDRO

Eles dançam... de rosto colado, se beijam, se mordem...

VITOR

Não se envolva. Eu peço por nós.

ANA

Por nós?

PEDRO

Ele ri. Ela ri. Ela tira a camisa dele... beija o peito dele.

VITOR

Por nossa salvação. Pela salvação do que nasceu entre nós.

PEDRO

Ele tira a calça... *(volta-se para os dois)* Eles não devem saber de nada, ninguém entra nessa brincadeira estando assustado... a não ser... *(olha pela janela de novo)*

ANA

(a Pedro) O que você descobriu?

VITOR

Esqueça de Pedro.

ANA

Eu não posso.

PEDRO

Deitaram na cama. E ela continua com o casaco de peles... se acariciam... ela... ela fica quieta... não se mexe... fica à espera...

Ana faz um movimento em direção a Pedro.

VITOR

Esqueça.

PEDRO

Ele esfrega o rosto no casaco, beija o casaco... ela ri, começa a se contorcer... Ele agarra nos ombros dela... Ela mexe o ventre... mas o casaco não se abre... ela continua de casaco... o casaco... não, não é um casaco! Ela é uma hiena! Ele está possuindo uma hiena!

Ana corre até a janela. Vitor permanece em seu lugar.

PEDRO

(antes de Ana chegar) As luzes se apagaram.

Ana se sente lograda e arrependida. Procura o olhar de Vitor. Pedro se afasta da janela.

PEDRO

Os homens estão dormindo com as hienas. É isso, é isso que está acontecendo!

VITOR

(com ironia) É um jeito agradável de domesticá-las.

PEDRO

Eu não estou brincando. Eu vi. Eu vi um homem trepando com uma hiena.

ANA

(duplamente irritada por ter traído Vitor) Uma invenção porca! Só mesmo de uma cabeça doente!

PEDRO

Eu vi, eu vi! Isso explica tudo: a calmaria da rua, a falta de alarme, a nossa fuga, a porta aberta... Elas nos querem vivos!

VITOR

Como amantes?

PEDRO

É o que eu vi.

ANA

Não somos idiotas.

VITOR

(sarcástico) Não, Ana. É razoável. As hienas são bichos mas gemem como gente. Um gemido rouco de quem é tarado na cama. Um gemido excitante. Por que não aceitar o convite? A maioria dos homens não começa sua vida sexual com cadelas? A minha primeira amante foi uma cachorra dinamarquesa. Trago boas recordações... Mas as hienas são mais excitantes, não é Pedro? Podem nos devorar a qualquer momento.

PEDRO

Vocês têm que acreditar. Eu vi.

ANA

Então mostre.

PEDRO

As luzes se apagaram.

VITOR

É normal, Ana. Algumas pessoas apagam as luzes quando fazem amor. Algumas hienas também têm esse hábito.

PEDRO

É verdade, é verdade!

ANA

Mostre

PEDRO

Temos que esperar as luzes se acenderem.

VITOR

Vamos continuar o jogo de setas, Ana! As hienas dormem e as luzes não vão se acender tão cedo... não é Pedro?

PEDRO

Vamos ficar vigiando a janela. Venham.

ANA

Marque os pontos, Vitor. Eu começo.

Começam a jogar.

PEDRO

Vocês não querem ficar olhando?

ANA

Você já interrompeu o nosso jogo uma vez. Chega Pedro.

PEDRO

Não querem olhar ou não convém olhar?

VITOR

Não encha o saco, Pedro!

PEDRO

Outros casais podem aparecer nas janelas.

ANA

(atirando e irônica) É imoral espionar a intimidade alheia. Quantos pontos eu fiz, Vitor?

VITOR

Dez.

PEDRO

Está bem. Continuem a jogar, continuem. É cômodo, é agradável, é inofensivo. Que as hienas estejam dormindo com os homens? Que importa! Vocês estão jogando. Mas vocês esquecem que também vão ter que dormir com elas?

(Ana para de jogar.)

VITOR

É sua vez Ana. *(Ana volta a jogar.)*

PEDRO

Há uma hora estamos presos. E a cidade continua calma. Nenhuma providência foi tomada. Nem será tomada!

VITOR

(parando de jogar) Como você pode afirmar? E se a polícia chegar agora aqui?

PEDRO

Esta porta só abre para quem chega fugindo.

ANA

É uma armadilha?

PEDRO

Não percebeu ainda?

ANA

Quer dizer que todos os homens participam desta conspiração contra nós?

PEDRO

(apontando a janela) Aquele no menos.

ANA

E aquele não existe.

PEDRO

Porque você quer que ele não exista. Você tem medo.

ANA

Tenho sim. De você!

PEDRO

Você viu. Elas fuçaram seu vestido, arranharam sua mão, você sentiu o hálito fétido, os dentes podres, ouviu o gemido rouco. Você conheceu as hienas e pode imaginar o que é rolar na cama com elas? o que é falar palavras de amor em seus ouvidos? o que é gozar com elas?

ANA

(investe a murros contra Pedro) Você mente, mente e mente. Mentiu que não tinha visto as hienas e agora mente que os homens dormem com elas!

VITOR

Ele é um sádico, Ana. Quer se divertir conosco. (com ironia) As luzes do apartamento se acenderam?

PEDRO

Isso não depende de mim. Como também não depende de mim dizer se os homens dormem ou não dormem com as hienas. É preciso que vocês vejam. E vocês não querem ver.

VITOR

Vamos tentar ser razoáveis. Eu admito que você viu o casal. Mas aquela mulher não podia estar simplesmente vestindo um casaco de peles?

PEDRO

Com o calor que está fazendo?

VITOR

Digamos que ela seja uma nova rica. Comprou ontem, foi mostrar às amigas.

PEDRO

E trepar com o casaco?

VITOR

Por que não? Uma tara sexual como qualquer outra. O que não podemos é viver imaginando hienas, inventando hienas.

PEDRO

Eu não inventei esta situação.

VITOR

Mas é você quem dá a ela uma vida tão longa.

PEDRO

Eu só disse que estamos aqui há uma hora. Eu também não inventei esse tempo.

VITOR

Pois eu digo que há uma hora estamos em segurança. O que é outra coisa. Que podemos esperar. E que nada é tão complicado. Para mim, há uma hora as hienas se acabaram. Concorde que elas ainda possam estar soltas e que outras pessoas foram atacadas e até mortas. Mas para nós, elas acabaram. Você quer cordialidade? Eu aceito. Mas a cordialidade é você não interferir em nossas vidas, é você não se transformar num agente do pânico. Se cuide, que eu e Ana nos cuidaremos.

PEDRO

Mas os homens continuam a dormir com as hienas ali naqueles quartos!

ANA

É o que você viu. Nós não vimos. Nós podemos ficar calmos. Jogar setas ou brincar.

PEDRO
Venham ver.

VITOR
Nós não gostamos de olhar na janela.

PEDRO
Vocês têm medo.

ANA
Vamos brincar, Vitor? De passear na floresta enquanto as hienas não vêm?

VITOR
Vamos.

PEDRO
Vocês vão acabar como eles! (*aponta a janela*).

ANA
Não há perigo, meu caro, enquanto as hienas não vêm. (*cantando*) Vamos passear na floresta...

VITOR
(*cantando*) ... enquanto as hienas não vêm...

PEDRO
Vocês vão virar bichos.

Os dois cantam e dançam, crescendo a brincadeira para um tom histérico, onde os dois procuram envolver Pedro que se recusa. Há um extravasamento sexual até que cessado o ritmo, Ana e Vitor se detêm diante da porta do armário. Ana rindo entra dentro do armário.

VITOR
(*batendo na porta*) Pum, pum, pum! As hienas chegaram? Pum, pum, pum! As hienas chegaram?

A porta se abre e surge Ana, com a bandeja de prata que o porteiro serviu ao público, e três copos de papel com café.

ANA
(*com pavor*) Puseram em minha mão. No escuro.

VITOR
Não é possível! (*examina o interior do armário dando murros nas paredes*) Abram, abram, abram! (*entra no armário*) Eu vou experimentar. (*Vitor quando sai do armário traz nas mãos uma bandeja idêntica com três pãesinhos*)

VITOR
Puseram em meu pé.

Pedro entra no armário e começa a socar e dar pontapés.

PEDRO
Apareçam seus canalhas, apareçam! (*depois de bater desesperadamente, desiste*) Estamos presos.

Vitor corre até a porta de entrada. Experimenta o trinco.

VITOR
A porta continua aberta... não estamos presos...

PEDRO
Não importa que essa porta continue aberta. Ela dá para as hienas.

ANA
(*com medo*) Então o que você viu? A mulher do casaco de peles...

PEDRO
Era mesmo uma hiena.

ANA
Mas o que elas querem de nós?

PEDRO
Amor... fidelidade... Querem o seu beijo.

ANA
(num apelo) Vitor, Vitor!

VITOR
Eu te protegerei, Ana, nós encontraremos uma saída.

ANA
(em desespero) Não há saída, Vitor, não há saída. Ou as hienas
ou saltar pela janela!

Ana corre para a janela. Vitor a detém.

VITOR
Não, Ana.

PEDRO
Nós temos que tentar, Ana.

ANA
Tentar o quê? (indicando o armário) Elas podem nos matar de
fome quando bem entenderem. Não há como resistir.

PEDRO
Nos foi dado um tempo. Nós estamos em observação.

ANA
Como bichos de laboratório. (e numa revolta para o armário e
todos os cantos da sala) Merda, merda, merda, merda!

VITOR
Se acalme, Ana. Ainda não houve uma violência contra nós.

ANA
E isso aqui? Não é uma violência?

VITOR
Não. A violência está em nós, no teu desespero, na histeria de
Pedro. Não se esqueça que Pedro quase me matou.

PEDRO
Eu tentava uma possibilidade.

VITOR
O resultado é igual.

PEDRO
Não é. Agora nós temos condições de dizer que não existem
mais dúvidas. As hienas existem.

ANA
Isso não me alivia em nada.

PEDRO
Nos obriga a agir juntos. Devem existir outros como nós, e
quanto maior for o nosso número, mais chances teremos de
resistir. (coloca o lenço na fechadura da porta) É preciso que
essa porta não seja trancada... é preciso que outras pessoas
encontrem este lugar.

ANA
Você ainda tem ilusão? Olha lá fora, olha a rua calma, os pré-
dios apagados! Egtão todos se esfregando na cama com as
hienas!

PEDRO
Até há uma hora atrás nós estávamos?

ANA
Não.

PEDRO
Até uma hora atrás nós sabíamos deias?

ANA
Não.

PEDRO
E, no entanto, nós já vivíamos entre elas.

ANA
Não, não é verdade. Elas apareceram há uma hora.

PEDRO
E esse homem que aí ao lado está tendo um orgasmo? Será que só há uma hora que ele conheceu aquela hiena?

VITOR
Mas isso seria o caos. E nós não vivíamos no caos!

PEDRO
O que você sabe da ordem? Você já olhou por baixo das togas e das fardas? Sabe o que elas escondem?

VITOR
(*irônico*) Você quer dizer que as hienas tomaram o poder?

PEDRO
E esta sala? A latrina, o armário restaurante? Há uma organização atrás disso, uma organização que exigiu tempo. As datas nas paredes não são tão absurdas como aparentam.

VITOR
São. Veja, são as mais doidas e as mais estapafúrdias. Esta é em caracteres romanos e esta é de hoje. Quem escreveu isso perdeu a consciência numa desvairada orgia de nomes e datas.

ANA
Espera... se essa data é de hoje... isso quer dizer que alguém antes de nós esteve aqui, alguém antes de nós saiu daqui... sem saber seu nome, sem saber o ano, o mês, o dia... (*afirmando sua sanidade*) Pois eu ainda sei o meu nome e o dia em que estou (*escrevendo com a seta na parede*) Eu me chamo Ana, e hoje é (*data da representação*)

A porta de entrada se abre.

VITOR
A porta se abriu!

ANA
(*apavorada*) Serão elas?

PEDRO
(*vai até a porta*) Não vejo ninguém.

VITOR
Não ouve nenhum ruído?

PEDRO
Nenhum ruído.

VITOR
Quer dizer que o caminho está livre?

PEDRO
Está.

VITOR
Isto então quer dizer que nós podemos ir, que estamos livres.

PEDRO
Há cinco minutos nos deram comida. Elas continuam nos esperando.

ANA
E por que abriram a porta?

PEDRO
Você pediu que abrissem, Ana.

ANA
Eu apenas escrevi meu nome na parede...

PEDRO
Você assinou a sua adesão.

VITOR

Isso já começa a virar filme policial. Vamos, Ana, vamos embora. A prisão agora é por conta de Pedro.

PEDRO

Você tem mesmo certeza de que está livre? Olhe bem essas datas. São epitáfios.

ANA

E se Pedro tiver razão?

VITOR

O que ele sabe, Ana? *(tomando consciência)* É verdade, o que vocês sabe Pedro?

PEDRO

É a única explicação.

VITOR

Ou a sua explicação?

Aqui se estabelece uma tensão de duelo de filme de faroeste. Vitor se arma com uma seta.

PEDRO

Experimente. Vá lá fora.

VITOR

(inquisidor) Se você é capaz de interpretar todos os sinais desta sala, é porque você conhece esse lugar há muito tempo. Diga, o que você fazia aqui? O que você fazia aqui antes de nós? Nos esperava?

PEDRO

Nos encontramos aqui por acaso.

VITOR

Por acaso? Não há uma organização por trás disso tudo?

PEDRO

Há.

VITOR

E por que não dizer que o nosso encontro foi arranjado?

PEDRO

É provável.

VITOR

Qual é a sua participação?

PEDRO

Sei o tanto que você sabe.

VITOR

Por que você disse que não tinha visto as hienas? Por que você quis me matar? Por que você procurou aumentar o nosso medo? Por que sempre e sempre você diz que nós não podemos escapar?

PEDRO

Você está querendo dizer que eu pertencço a organização? Ou que eu talvez seja mesmo uma hiena?

VITOR

É você quem está dizendo Pedro. Como foi você quem viu, só você, o homem dormindo com a hiena. O que você pretendia? Que nós dormíssemos com elas?

ANA

(apaziguando) Não, Vitor, não podemos recomeçar. Não adianta nada brigarmos entre nós.

VITOR

Há uma organização atrás disso, Ana!

PEDRO

Todos nós podemos pertencer a essa organização.

VITOR

Nesta sala, apenas uma pessoa pode.

ANA

Não é assim que tem que ser, Vitor. Pode complicar mais. Não se esqueça que fui eu quem entrou naquele armário. Você também descenia de mim?

VITOR

Foi um truque usado contra nós para nos meter mais medo. Aproveitaram aquela ocasião como podiam aproveitar uma outra. Estas paredes são falsas, tudo aqui é falso. Se quisessem nos dariam comida até pela latrinal

PEDRO

(apontando a porta aberta) E essa saída é verdadeira?

VITOR

Eu não caio mais em seu jogo.

PEDRO

A porta continua aberta. Saia. O caminho está livre. Vá.

VITOR

(fechando a porta) Eu sei o que me espera lá fora. A confirmação, mais uma confirmação de que não podemos escapar agora. É o que você quer. Venha, Ana, fique junto de mim. É preciso que ele saiba que nós não dormimos com as hienas, que nós não vamos morrer de medo, que nós não vamos nos entregar, que nós vamos saber esperar. *(num grito)* Desista, Pedro! Vá embora! Vá com as hienas!

Pedro com voz mansa começa a narrar em contraste com toda a violência da cena anterior, aqui começa a pantomina da história de Pedro, assumindo Ana e Vitor os papéis indicados na narrativa de Pedro.

PEDRO

Eu vinha pela estrada... vinha despreocupado... caminhava sem saber bem para onde... mas caminhava... até que um

soldado passou a andar ao meu lado... *(puxando Ana...)* Venha, ande... Tinha a túnica desabotoada, o fuzil jogado no ombro... sorri para ele... podia ser um companheiro de caminhada... como vinha sozinho, é sempre bom ter um companheiro... sorri outra vez... *(Ana sorri)* Não, ele não sorriu e nem disse nada... pensei que estivesse muito cansado para se preocupar comigo... continuamos a caminhada em silêncio... aí surgiu um outro soldado... *(a Vitor.)* Venha, deste lado... *(Vitor reage...)* Ande, ande... Também tinha a farda desabotoada e o fuzil no ombro... Deviam estar voltando de alguma manobra... tentei conversar... *(a Vitor)* Olá, como vai? *(Vitor não responde)* O exercício foi duro, não? *(Vitor não responde)* Não quer conversar? Você também não? Está certo, paciência... continuamos calados... quando uma pedra entrou em meu sapato... tive que parar para tirar a pedra... foi quando percebi que eles também pararam e me olhavam... estavam me esperando é claro... *(aos dois)* Ótimo, vi que estamos juntos, é sempre bom ter companheiros... Para onde vão? Para onde? Ahn? Não estão me ouvindo? Não estão?

Os dois levantam Pedro com brutalidade e o empurram.

PEDRO

Ei, que história é essa de ficar me empurrando? *(empurram Pedro de novo e o ameaçam com as setas)*

PEDRO

O que quer dizer isso, hein? Se eu não quiser andar, não ando. *(outro empurrão)*

PEDRO

Ninguém manda em meu nariz. *(novo empurrão)* Assim vocês já está me machucando... calma... *(os dois indicam com as setas que ele está preso e que tem que seguir suas ordens)*

PEDRO

Preso? Vocês está querendo dizer que eu estou preso? *(outro empurrão)* Mas eu não fiz nada, absolutamente nada...